

ignorada. Fazia parte da mobilização popular e devia ser reprimida. Isto indica que o papel da educação na transformação social era muito significativo.

PAULO. É interessante. Hoje talvez eu dissesse que precisamente porque a educação deveria ser a alavanca da transformação social, ela não pode ser!

IRA. Você quer dizer que não lhe permitirão que seja o que deveria ser? As forças dominantes da sociedade não permitirão que a educação transforme a estrutura política?

PAULO. Sim! (rindo) Se a educação pudesse ter uma conversa com a Biologia, por exemplo, e dizer: "Tenho que compreender quão limitada me obrigam a ser, dados os limites políticos que não me permitem ultrapassar", então seria mais fácil perceber a realidade dos limites sociais! Comecei a entender a natureza dos limites da educação quando experimentei o choque do Golpe de Estado. Depois do Golpe, realmente nasci outra vez, com uma nova consciência da política, da educação e da transformação. Você pode ver isso no meu primeiro livro, *A Educação para a consciência crítica* (1969). Nele, não faço referência à natureza política da educação. Isso revela um pouco da minha ingenuidade naquele tempo. Mas, depois daquilo, pude aprender história. Todas essas coisas me ensinaram o quanto precisávamos de uma prática política na sociedade, que fosse um processo permanente na direção da liberdade, o qual incluiria uma educação que fosse libertadora.

IRA. Como podem essas lições auxiliar os professores em sua transformação?

PAULO. Para que os professores se transformem, precisamos, antes de mais nada, entender o contexto social do ensino, e então perguntar como é que esse contexto distingue a educação libertadora dos métodos tradicionais. Retomemos aquele importante ponto que se tornou muito claro para mim, depois do Golpe: a educação não é, por si só, a alavanca da transformação revolucionária. O sistema escolar foi criado por forças políticas cujo centro de poder está distante da sala de aula. Se a educação *não é* a alavanca da transformação, como é que podemos compreender a educação libertadora? Quando você chega a esta dúvida, você deve parar e refletir de outro modo.

A educação libertadora é, fundamentalmente, uma situação na qual *tanto* os professores como os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes. Este é, para mim, o primeiro teste da educação libertadora: que tanto os professores como os alunos sejam agentes críticos do ato de conhecer.

Outro ponto é que a educação é um momento no qual você tenta convencer-se de alguma coisa, e tenta convencer os outros de alguma coisa. Por exemplo, se não estou convencido da necessidade de mudar o racismo, não serei um educador que convença alguém. Independentemente da política do professor, cada curso aponta para uma direção determinada, no sentido de certas convicções sobre a sociedade e sobre o conhecimento. A seleção do material, a organização do estudo, e as relações do discurso, tudo isso se molda em torno das convicções do professor. Isso é muito interessante devido à contradição que enfrentamos na educação libertadora. No momento libertador, devemos tentar convencer os educandos e, por outro lado, devemos respeitá-los e não lhes impor idéias.

Através de sua busca para convencer os alunos de seu próprio testemunho sobre a liberdade, da sua certeza na transformação da sociedade, você deve salientar, indiretamente, que as raízes do problema estão muito além da sala de aula, estão na sociedade e no mundo. Exatamente por isso, o contexto da transformação não é só a sala de aula, mas encontra-se fora dela. Se o processo for libertador, os estudantes e os professores empreenderão uma transformação que inclui o contexto fora da sala de aula.

Porque o que realmente acontece num seminário, se você é um professor engajado na educação libertadora, é que você dá seu testemunho de respeito pela liberdade, um testemunho a favor da democracia, a virtude de conviver com as diferenças e respeitá-las. No contexto da sala de aula, você dá todas essas provas, a prova da sua radicalidade, mas nunca de sectarismo. Mesmo assim, você sabe que a luta política para mudar a sociedade não acontece só dentro da escola, apesar de a escola ser parte da luta pela mudança. Assim, em última análise, a educação libertadora deve ser compreendida como um momento, ou um processo, ou uma prática onde estimulamos as pessoas a se mobilizar ou a se organizar para adquirir poder.